

## O PATRIMÔNIO CULTURAL URBANO E SUAS COMPLEXAS RELAÇÕES COM O MUSEU DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES/MG

Lucinei Pereira da Silva<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 05/03/2022.

Artigo aceito em: 29/08/2022.

### RESUMO:

O objetivo deste artigo é refletir quais as complexas relações podem ser estabelecidas entre o Museu da Cidade de Governador Valadares/MG e os patrimônios históricos e culturais da cidade. Para tanto, utilizaremos como suporte teórico as reflexões de Pollak (1989), Meneses (1993, 1994, 2003), e Gonçalves (2015). Nossa metodologia se fundamenta na análise do acervo do Museu da Cidade de Governador Valadares (MCGV) e de alguns patrimônios históricos da cidade. Nesse sentido, o desafio dessa abordagem é entender como as identidades locais são (re)construídas tanto no tecido urbano como nos cenários expositivos dessa instituição. Ao longo desta investigação será possível observar que em diferentes espaços, a memória e a identidade estão em disputa e ambas são meios de reivindicação dos direitos de diferentes grupos, etnias, classes sociais, de indivíduos, e das heterogeneidades dos povos negligenciados pela memória oficial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu da Cidade; Patrimônio cultural; Disputas de memórias.

### THE URBAN CULTURAL HERITAGE AND ITS COMPLEX RELATIONSHIPS WITH THE CITY'S MUSEUM

### ABSTRACT:

The purpose of this article is to reflect on the complex relationships that can be established between the Museum of the City of Governador Valadares/MG and the city's historical and cultural heritage. For that, we will use as theoretical support the reflections of Pollak (1989), Meneses (1993, 1994, 2003), and Gonçalves (2015). Our

---

<sup>1</sup> Graduação em História (UNIVALE), Mestre em Educação (UEMG) e Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1669350557432491>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5427-8134> ; e-mail: [lucinei.pereira28@gmail.com](mailto:lucinei.pereira28@gmail.com). Membro do Grupo de pesquisa Polis e Mnemosine: Cidade, Memória e Educação.

methodology is based on the analysis of the collection of the Museum of the City of Governador Valadares (MCGV) and of some historical patrimonies of the city. In this sense, the challenge of this approach is to understand how local identities are (re)constructed both in the urban fabric and in the exhibition scenarios of this institution. Throughout this investigation, it will be possible to observe that in different spaces, memory and identity are in dispute and both are means of claiming the rights of different groups, ethnicities, social classes, individuals, and the heterogeneities of peoples neglected by official memory.

**KEYWORDS:** City Museum; Cultural Heritage; Disputes over memories.

## 1. Introdução

Antes de ser o lugar de preservação de memória, o museu é um território de construção de memória, disputa em torno do que deve resistir à corrosão do tempo. No museu há objetos que são sacralizados e ganham importância como forma de perpetuar linhas biográficas ou outros vistos apenas como peça decorativa ou sem qualquer ligação com a história da cidade. Por esse pressuposto iniciamos essa abordagem com os seguintes questionamentos: No processo de escolha e seleção do acervo de um museu, o que se deve lembrar e o que se deve esquecer? Que memória se deseja preservar? E nos espaços da cidade, quem tem direito à memória? Quem tem direito ao esquecimento?

A partir destas indagações, este artigo pretende refletir quais as complexas relações podem ser estabelecidas entre o Museu da Cidade de Governador Valadares/MG (MCGV) e os patrimônios históricos e culturais da cidade. Para tanto, faremos uma análise de parte do acervo expográfico do museu e de alguns patrimônios da cidade. Nessa direção, percorreremos o circuito expositivo do museu, mostrando encenações e exclusões, atentando especialmente para a dimensão biográfica, que evidencia o protagonismo de determinados indivíduos e sua vinculação social, e a cultura material, destacando objetos que remetem ao modo de vida das elites locais. Ainda, numa caminhada pela cidade e percorrendo praças, ruas e visitando monumentos históricos foi possível também observar a forte representação dos chamados pela historiografia local de “pioneiros”.

Iniciaremos nossa discussão refletindo sobre os diálogos que podem ser estabelecidos entre memória, museu e patrimônio. A seguir, apresentaremos um breve retrospecto histórico da cidade de Governador Valadares e por fim iremos refletir sobre o protagonismo e invisibilidade de determinados grupos sociais no museu e nos diferentes espaços desta cidade.

## **2. Diálogos sobre memória, patrimônio e museu**

A memória é um fenômeno sempre atual, uma interlocução vivida no presente e ao mesmo tempo uma representação individual ou coletiva do passado. Essas representações são, portanto, dinâmicas e um processo em constante transformação. Para Pierre Nora (1993), a memória é percebida como um campo de conflito para o reconhecimento de diferentes grupos sociais: “há uma rede dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma” (NORA, 1993, p. 18).

Nesse prisma, Le Goff (2003) ressalta que a memória tem a função de conservar informações que nos remete a um conjunto de funções psíquicas, a partir das quais os indivíduos podem atualizar impressões ou informações passadas ou representadas como passadas. De forma mais ampla, a memória é uma componente da alma, não se manifesta, contudo, ao nível da sua parte intelectual, mas, unicamente, da sua parte sensível como pontua Le Goff (2003). Nessa direção, Meneses (2003) sinaliza que os sentidos são pontes que permitem ao sujeito comunicar-se com o seu lugar de vivência e/ou com o museu. Pois, os sentidos encontrados a partir de experiências provocam mudanças no sujeito, pois o saber de experiência está na relação entre o conhecimento e a vida (LARROSA, 2002).

De certa maneira, a memória não é isenta de conflitos, e lutas de interesses, se configurando, então em formas de violência simbólica que se uniformizam e se silenciam mediante a pluralidade desses diversos grupos. Na perspectiva de Nora (1993) a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento,

inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. Assim, admite-se “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p. 3). Em outras palavras, os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 368).

Em se tratando de lugares de memória, Nora (1993) afirma esses espaços são socialmente construídos para que as lembranças de determinados grupos sociais pudessem sobreviver ao tempo. Na verdade, os lugares de memória propõem-se a ser um espaço que possibilita a existência da memória, e ao mesmo tempo, possibilitando uma continuidade histórica que poderia ser perdida. Pierre Nora (1993) afirma que:

Se habitássemos ainda a nossa memória não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares por que não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez numa identificação carnal do ato e do sentido (NORA, 1993, p. 8-9).

Em qualquer localidade, mesmo as mais afastadas do centro, há lugares de memória, que podem ser compreendidos não somente pelas crianças, mas também pelos adolescentes, jovens e adultos e todos os sujeitos históricos e culturais, que possam interagir, criar e recriar estes espaços, apropriando-se dos mesmos e ao mesmo tempo estabelecendo conexões com suas experiências de vida. Portanto, podemos definir que os lugares de memória são compreendidos como referências educacionais, sendo estes fundamentais para o processo educativo, para a apropriação do conceito de memória e para uma aprendizagem significativa. Além disso, os lugares de memória podem ser problematizados e compreendidos pelos educandos, que são sujeitos históricos, apropriando-se dos mesmos. Dessa forma, os museus ao serem vistos como lugares de memória configuram-se como fundamentais para as práticas educativas estruturadas fora da instituição escolar em diálogo ou não com estas.

Os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória espontânea, pois são antes de tudo, restos, escombros. A esse respeito, Nora (1993) afirma que os lugares são mistos, híbridos e mutantes, intimamente é morte, ou seja, “só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (Idem, p. 22). Por serem considerados apenas escombros, os lugares de memória e a identidade de um determinado povo parece se aniquilar, e os pontos de referência se dissolvem de forma descontínua e estéril. No entanto, é nesse momento que parece “emergir das cinzas” as memórias subterrâneas que conseguem invadir o espaço público, no processo de disputa da memória, no nosso caso, as reivindicações dos diferentes grupos sociais pelo direito a cidade e ao patrimônio (POLLAK, 1989).

Ainda, podemos dizer que o patrimônio estabelece com a identidade inúmeras relações, ou seja, grupos sociais ou indivíduos em sua singularidade buscam através do colecionamento, preservar objetos ou monumentos que referem ou até mesmo justificam algum evento histórico ou identidade cultural, guardando em si, relevância social. Em outras palavras, ressalta-se que a partir de um patrimônio cultural podemos compreender de fato o contexto cultural bem como a vivência de determinado grupo, estabelecendo uma conexão histórica. Nesta linha de raciocínio, Gonçalves (2015) defende que:

[...] é comum que se assume como um dado que os patrimônios materiais ou imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais. Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua “identidade” (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Ainda, segundo Gonçalves (2015) as “concepções nativas” de patrimônio, dos povos “não ocidentais” não é necessariamente a “identidade” desses povos e grupos sociais cujos objetos e modos de vida são alvos de processos de patrimonialização por agências ocidentais. Nas concepções do autor, não estão preocupados em buscar uma “identidade” que residiria no fundo de suas experiências individuais e

coletivas, mas trata-se, antes, da forma como esses povos e grupos se situam em suas relações com a ordem cosmológica, natural e social, preocupados em interagir com as diversas entidades do universo: os deuses, os mortos, os antepassados, os parentes, os vizinhos, os animais, as plantas, etc. Portanto, diferente do ponto de vista do homem e mulheres sobre o patrimônio, esses povos existem individual e coletivamente na medida em que fazem parte dessa extensa rede de relações de troca entre si e suas cosmologias.

Desse modo, é necessário defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio e isso significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural de diferentes grupos, conhecer as histórias dos sujeitos que o fizeram e assim construir o presente e perspectivas para o futuro. A recordação do passado é crucial para qualquer projeto identitário, pois sem a recordação/lembança do passado seríamos incapazes de afirmar nosso lugar no mundo.

Nessa direção, para se compreender melhor o patrimônio cultural da cidade de Governador Valadares e suas complexas relações com o museu, faremos a seguir um breve retrospecto histórico da cidade cujo objetivo é apresentar as diferentes representações identitárias que foram compondo o tecido urbano ao longo do tempo.

### **3. Um pequeno histórico da cidade de Governador Valadares**

A cidade de Governador Valadares está localizada a 316 km da capital. Até fins do século XIX e início do século XX o local era conhecido como Figueira e era o principal entreposto comercial da região, já que surgiu nas margens do rio doce, que era o principal meio de ligação com o Oceano Atlântico no Espírito Santo. Em 1915, a vila de Figueira, ganhou um moderno traçado urbano, marcado pela regularidade e racionalidade das ruas e quarteirões. No entanto, a cidade começa a receber um grande fluxo migratório nos anos seguintes a esse período, que foi

acompanhado de grandes problemas de ordem social, tais como, expansão da periferia, falta de água e luz elétrica e habitações desordenadas.

A ocupação somente foi possível com a ferrovia inaugurada em 15 de agosto de 1910, na vila de Figueira (hoje Governador Valadares). E a inauguração da estação ferroviária de Figueira potencializou a chegada de comerciantes vindos de várias regiões de Minas Gerais e do Espírito Santo, e também estrangeiros como italianos, espanhóis, libaneses. A chegada da estrada de ferro Vitória-Minas contribuiu também para a fixação da população no povoado de Figueira. (ESPINDOLA, 2008, p. 184). Com a estrada de ferro começaram a chegar os primeiros trabalhadores da ferrovia e comerciantes compradores de café, reconhecidos pela memória local como forasteiros e pioneiros respectivamente. No entender de Siman (1988),

Pioneiros e forasteiros assim eram denominados e se auto-denominavam os que chegavam à Figueira. Pioneiros são aqueles que vêm da região, trazendo suas famílias, suas posses, suas raízes, e vão se estabelecendo no comércio e nas terras locais. Os forasteiros são aqueles que chegam de fora, peregrinando, de mãos vazias, sem sobrenome, solteiros e desagregados de suas raízes e que oferecem a sua força de trabalho à ferrovia ou aos donos das terras e comércio (SIMAN, 1988, p. 65).

No entanto, o povoamento se deu de maneira lenta principalmente em decorrência da insalubridade da região, com a infestação de malária, à ausência de atrativos de riquezas e à falta de infraestrutura para explorar os recursos existentes. A malária foi erradicada pela ação do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, que atuou na região do médio rio doce entre 1942 e 1960 (VILARINO, 2015).

O crescimento do arraial de Figueira, foi nitidamente observado, a partir da década de 1930. Com esse notório desenvolvimento, no início da década, entrou em curso o processo de emancipação do povoado, que era distrito de Peçanha. Em janeiro de 1938, por decreto do então governador de Minas Gerais Benedito Valadares, Figueira torna-se um município desmembrando-se de Peçanha. Somente em 1942, Figueira aceita mudar seu nome para Governador Valadares. A mudança converge para o projeto de industrialização do país proposto pelo governo de



Getúlio Vargas. Nesse novo tempo, “parece que os figueirenses querem esquecer a história de que vai de Figueira a Governador Valadares” (SIMAN, 1988, p. 101).

Até a metade do século XX, a cidade tinha a fama de lugar onde se fazia fortuna fácil, e por isso atrai aventureiros do Brasil todo. Toma forma nesta trama as disputas de terra entre grileiros - toma posse das terras por meio de documentos falsificados - e posseiros – trabalhador rural que tira seu sustento da terra, mas não possui a documento legal de propriedade. A abundância da madeira de lei e de terras propícias para a plantação despertou o interesse de diversos atores sociais. As tensões entre posseiros e fazendeiros que praticavam a grilagem se intensificaram, sobretudo, no início da década de 1960, com a organização dos camponeses em sindicatos rurais e o discurso em prol da Reforma Agrária, encabeçadas pelas ações do governo de João Goulart. O contexto favorável aos posseiros gerou profundo descontentamento dos latifundiários (PEREIRA, 1988).

O cenário de embates intensos entre fazendeiros e camponeses, resultou num conflito armado em Governador Valadares, iniciado por milícias fazendeiras à Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, dois dias antes do início oficial do Golpe Militar de 1964. No confronto, uma pessoa morreu. A polícia chegou, dissipou o grupo e levou preso o líder do Sindicato, o sapateiro e filho de posseiro Francisco Raimundo da Paixão, mais conhecido por Chicão. Mediante ao episódio, tendemos a refletir que, na verdade, **“essa terra tinha dono(s), que faziam de tudo para defender seus interesses** e proteger suas terras, prevalecendo, muitas vezes, a lei da pólvora, a lei do mais forte sobre o mais fraco” (FELIPE-SILVA; ESPINDOLA; GENOVEZ, 2010 p. 10, grifos nossos).

#### **4. Entre celebrações e esquecimentos: disputas de memória no museu e na cidade**

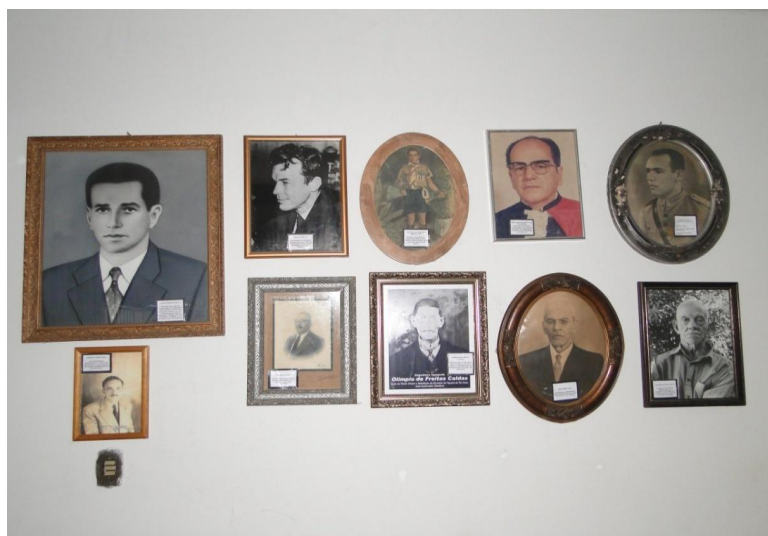
O Museu da Cidade de Governador Valadares foi fundado em 30 de janeiro de 1983, portanto, um museu com mais de trinta anos. Está situado na Rua Prudente de Moraes, nº 711, Centro. Segundo documentos e narrativas dos memorialistas, esta



rua é considerada uma das primeiras da cidade. O museu está aberto ao público de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h; sábados das 8 às 13h. Esta instituição reúne coleções de arqueologia, objetos biográficos, de diferentes ofícios e meios de transporte, moedas, instrumentos musicais, mobílias e fotografias antigas da cidade

A seguir, faremos uma análise pelos cenários expositivos do Museu da Cidade<sup>2</sup>, cujo intuito é refletir quais as complexas relações podem ser observadas nesta instituição. Sobre este aspecto, Meneses (1994) e Canclini (1997), ressaltam que os museus históricos de cidade em sua maioria, protagonizam ritos, encenam as tradições e celebram o espetáculo de origem de seus “heróis” fundadores como forma de promover a hegemonia das elites. No MCGV a figura do pioneiro integra a narrativa mítica de emancipação do município, perpetuando-se na memória local como distintos e notáveis moradores. Por outro lado, faz-se sentir a ausência dos grupos denominados forasteiros. Isso se torna evidente quando adentrarmos a primeira sala do museu nos deparamos com uma forte representação dos “pioneiros” da cidade. Na figura 1 abaixo isso é notório.

**Figura 1:** Fotografia dos quadros de “pioneiros” na sala de entrada do Museu da Cidade



<sup>2</sup> As reflexões deste artigo é parte da dissertação de Mestrado “Sentidos que emergem das relações dos professores de História com o Museu da Cidade de Governador Valadares/MG” (SILVA, 2018).

Fotografia: Michelle Gonçalves  
Fev. 2018.

Os personagens dos quadros acima (Figura 1), são figuras tidas como "ilustres" na construção da história da cidade. Nas etiquetas, são destacados como vereadores, engenheiros e coronéis, e são homenageados pelos seus "grandes feitos" e pelas suas veneráveis lutas pela emancipação de Governador Valadares. Entre os chamados pioneiros, encontram-se o carpinteiro Serra Lima e seu auxiliar, Amador Alves da Silva, que se destacaram por terem sido responsáveis pelo moderno traçado urbano da cidade no início do século XX.

Do mesmo modo, a figura do pioneiro é evidente e facilmente reconhecida nos espaços da cidade. Abaixo pode-se observar a "Praça dos Pioneiros" (figura 2), localizada na região central da cidade e que até os anos de 1950 era a estação ferroviária da cidade.

**Figura 2:** Praça dos Pioneiros – Centro de GV



Acervo do autor. Setembro de 2021.

Na caminhada pela cidade, pode-se perceber também a forte representação dos “pioneiros” da cidade. No chamado “Mergulhão”, um viaduto da Estrada de Ferro Vitória a Minas – que se cruza com uma das principais avenidas da cidade - também foi pintado, utilizando graffiti os rostos dos pioneiros nas paredes laterais da via (figura 3).

**Figura 3:** Graffiti no mergulhão e as famílias “pioneiras”



Disponível em:

<https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/prefeitura-homenageia-pioneiros-com-graffiti-no-mergulhao/85541>

Acesso em: 10/09/2021.

A partir de tais observações é importante refletir que, a identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica, quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas dos habitantes da cidade como aponta Certeau (1998). Ou seja, a cidade situa-se como objeto de colagens justapostas, sob a forma de fragmentos, imersos numa maré do urbano, faróis e balizas (Choay, 2001). A cidade de Governador Valadares, como outras cidades de pequeno e médio porte acabam por serem concebidas num processo de criação e recriação de certas memórias de grupos segmentados e “vencedores”. E o que mais impressiona, aqui, é o fato do

“Mergulhão” deixa de ser apenas uma via que liga o centro aos bairros da chamada Região IV e passa a ser um *topoi* dos discursos hegemônicos sobre a cidade.

Retomando as observações feitas no Museu da Cidade, notamos que nas próximas salas a realidade operada nesta instituição privilegia a representação de uma moradia “típica” de pessoas pertencentes a camadas privilegiadas da cidade. Na figura 4, por exemplo, mostra a sala que dá destaque para os instrumentos musicais, fotográficos e aparelhos de comunicação, objetos status que representam a moradia de uma camada social privilegiada, bastante distanciada da maioria das moradias da cidade tanto do passado como do presente.

**Figura 4:** Sala 1 - Cenário expositivo que reproduz uma sala de estar.



Fotografia: Michelle Gonçalves  
Fev. 2018.

Em nossa pesquisa pelo acervo, observamos em muitas peças pertencentes à elite observa-se o nome das pessoas que doaram. Na verdade, observamos que nas legendas não cabem mais informações ou descrições sobre o objeto exposto. Em nosso entender, o museu ao destacar o doador dos objetos busca de certa maneira “imortalizá-lo” na memória histórica da cidade. Sob este aspecto, Meneses (1993) é enfático

Daí a reificação dos objetos, sua coisificação, fetichização. Isto é, cria-se a ilusão de que eles é que se relacionam uns com os outros e exprimem



conteúdos próprios e não os das sociedades e grupos cujas interações é que os produzem, mobilizam e lhes dão sentido - sempre em alteração constante. No museu, o risco é que uma exposição, por exemplo, se transforme em apresentação de coisas, das quais se podem inferir paradigmas de valores para comportamentos humanos e não na discussão de como os comportamentos humanos produzem e utilizam coisas com as quais eles próprios explicam (MENESES, 1993, p. 212).

Portanto, o “culto da saudade” representou a tentativa do MCGV em se construir uma tradição por meio dos objetos, por serem valorizados como autênticos fragmentos do passado, que de certa forma, se consolidaram como poderosos símbolos dos “pioneiros” eleitos pela elite valadarenses. Nesta direção, podemos dizer que o museu é um lugar de permanentes disputas, que se constituem em ferramentas políticas, pois a memória tem o poder de “presentificar”, ou não certas representações do passado (CAVALCANTI, 2021, p.131). Ou seja, na dinâmica do enredo museal, estabelecido entre esquecer e desvelar, entre selecionar e excluir, um jogo de poder se estabelece, evidenciando a dimensão política dos museus (LEME, 2013).

Observando a expografia do Museu da Cidade de GV e os espaços da própria cidade nota-se que a memória e a identidade estão em disputa. Isso é mais evidente e dramático quando se caminha pelas ruas da cidade e se depara com uma casa demolida (figura 5) na região central, em frente a Praça dos Pioneiros e que pertenceu ao farmacêutico Otávio Soares Ferreira da Cunha<sup>3</sup> que morreu em 4 de

---

<sup>3</sup> Segundo os documentos da Comissão Nacional da Verdade, suas mortes foram decorrentes da atuação de três fazendeiros – Wander Campos, Maurílio Avelino de Oliveira e Lindolfo Rodrigues Coelho –, cuja ação se dava em nome do Estado, especificamente a pedido do delegado-coronel Paulo Reis. De acordo com a versão oficial, Otávio e seu filho foram mortos em função de terem supostamente descumprido uma ordem de prisão determinada tanto pelo coronel da Polícia Militar, Pedro Ferreira dos Santos, quanto pelo delegado Paulo Reis. No entanto, esclareceu-se, posteriormente, que o alvo principal da incursão do grupo de fazendeiros, a mando do aparato estatal, era Wilson, um dos apoiadores das atividades de Francisco Raimundo da Paixão, o Chicão (sapateiro e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais), defensor da reforma agrária, politicamente vinculado ao jornalista Carlos Olavo, que era reconhecido nacionalmente por defender as Reformas de Base e o governo João Goulart por meio do jornal O Combate, de Governador Valadares. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/otavio-soares-ferreira-da-cunha/>. Acesso em: 11/09/2021.

abril de 1964, após ele e seu filho Augusto sofrerem um atentado em 1º de abril de 1964.

**Figura 5:** Casa de Otávio Soares demolida no centro de GV



Acervo do autor. Setembro 2021.

Segundo relatos, a casa de Otávio Soares passava por um processo de tombamento, no entanto, misteriosamente um escudo de gesso que decorava a fachada da residência foi destruído e o processo foi paralisado. Algum tempo depois, toda a casa foi demolida. Esse fato nos faz recordar as reflexões de Gonçalves (2015) ao dizer que juntamente com a noção de “perda”, insinua-se o espectro da “destruição” e essa destruição, no entanto, é projetada para fora dos limites do discurso patrimonial e pode assumir formas naturais (intempéries, catástrofes) ou sociais e históricas como guerras ou simples abandono dos bens culturais, a indiferença da população ou dos governantes. No entanto, no ato da preservação é necessário observar o que é destruído ou esquecido. Categoricamente,

“a arte da memória transforma-se numa arte do esquecimento” (GONÇALVES, 2015 p. 223).

Por outro lado, recentemente foi tombado na cidade o busto de uma mulher localizada numa praça conhecida popularmente como “Praça da mulher da boca aberta” (figura 6).

**Figura 6:** Tombamento do busto de Aurita Machado na “Praça da mulher da boca aberta”



Disponível em:

<https://drd.com.br/tombada-como-patrimonio-historico-praca-eterniza-a-luta-das-mulheres-de-gv>

└. Acesso: 11/09/2021

Segundo o jornal “O Olhar”<sup>4</sup>, a atual Praça Aurita Franco Machado, anteriormente denominada Praça 13 de Maio, surgiu no final dos anos 60 em homenagem a Aurita Machado, que coordenou a Liga Católica e Damas de Caridade, e organizou as manifestações que foram contrárias ao decreto assinado em 1964 pelo presidente João Goulart, durante um comício na Central do Brasil, no Rio

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://oolhar.com.br/reforma-da-praca-da-mulher-da-boca-aberta-se-arrasta-por-quase-4-meses/>. Acesso em 11/09/2021.



de Janeiro, que, entre outros aspectos, criava a SUPRA – Superintendência da Reforma Agrária. O busto da Mulher da Boca Aberta é um marco desse tempo, em que os valadarenses foram para as ruas “defender a família e a liberdade e protestar contra a ameaça comunista no Brasil” (PEREIRA, 1988, p. 166).

## 5. Considerações finais

As reflexões deste artigo apontaram para a importância e o desafio social dos museus de cidade e sua inserção no campo dos direitos à participação na vida cultural e ao patrimônio. Em outras palavras, os processos museológicos têm o papel de potencializar a identificação e apropriação e de desenvolver noções de pertencimento nos moradores da cidade. De modo geral, a herança patrimonial permite novos arranjos e apropriações culturais e o museu da cidade torna-se um locus privilegiado para o exercício do direito ao patrimônio e à participação na vida cultural urbana, num processo contínuo de inter-relações.

Contudo, o que foi observado que tanto o Museu da Cidade de GV como alguns patrimônios da cidade tecem uma determinada versão da história oficial da cidade, dispensando a presença de determinados grupos como negros favelados, trabalhadores rurais ou personagens que participaram da luta pela Reforma Agrária. Ou seja, o poder evocativo desses locais converge para uma construção histórica da cidade quase harmônica e que numa visão menos atenta dá a impressão que são locais desprovidos de esquecimentos e disputas de memória. Como cita, Hildebrando (2010, p. 29), podemos entender esses lugares (museu e espaços da cidade) a partir da “importância de se olhar para além das memórias de grupos segmentados e tentar enxergar os silêncios e as omissões”.

O mundo, o espaço e a cidade são construções humanas plenas de relações entre sujeitos, construções radicalmente intersubjetivas (SERPA, 2017) e o museu de cidade além de possibilitar o conhecimento sobre o passado participa da construção social dos cidadãos da cidade, pois além de ser um patrimônio cultural, é um local onde poderiam se expressar diferentes tipos de memória. De certo modo,

acreditamos que os museus de cidade podem contribuir de forma propositiva para um (re)pensar os espaços da cidade, na medida que incorpore em sua narrativa, outras vozes, outros grupos, outras experiências.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. O Porvir do passado. In. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, pp.159-204, 1997.

CAVALCANTI, Eri. **A história "encastelada" e o ensino "encurralado": escritos sobre História, ensino e formação docente**. Curitiba: CRV, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. Unesp, 2001.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce: navegação fluvial, acesso ao mercado mundial, guerra aos povos nativos e incorporação do território de floresta tropical por Minas Gerais 1800-1845**. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, São Paulo, 2000.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. Sertão, território e fronteira: expansão territorial de Minas Gerais em direção ao litoral. **Revista Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 69-96, jan./jun. 2008.

FELIPE-SILVA, Fernanda de Melo; ESPINDOLA, Haruf. Salmen.; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Memórias pela terra em Governador Valadares sob os olhares de três atores distintos: pai, mãe, filha**. X Encontro Nacional de História Oral. Recife: p.1-17, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.

HILDEBRANDO, Gilberto. **O Museu e a Escola: Memórias e Histórias em uma cidade de formação recente**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n°. 23, jan/fev/mar/abr de 2002, pág. 20 a 28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 22 ago. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. Nova série, n. 1, pp. 207-222, 1993.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série, São Paulo, v. 2, pp. 9-42, jan./dez. 1994.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos Guimarães; GUIMARAENS, Cêça (org.). **Museus & Cidades**. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p. 255-282, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso: 20 ago. 2022.

PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha. **Nas terras do rio sem dono**. Rio de Janeiro: Codecri, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1989.

SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/125427/135139>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Lucinei Pereira da. **Sentidos que emergem das relações dos professores de História com o Museu da Cidade de Governador Valadares/MG.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **A História na Memória: uma contribuição para o ensino de história de cidades.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1988.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Da lata d'água ao SESP: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960).** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.